



236249

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACÕES

Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105 - Telef. 2 1622 - LISBOA

**Uma redução imediata
no vosso custeio!...**

Pela desinfecção das se-
mentes - a sêco - com o pó

Tillantín



Porque - « a notável in-
fluência do TILLANTIN
no aumento da nascença,
permite economizar uma
apreciavel quantidade de
semente por unidade de
superfície »

Secção Agrícola

SOCIEDADE DE ANILINAS, LTD.
LISBOA - Travessa das Pedras Negras, 1

Todos os que empregam

LUMIAR

A LÂMPADA PORTUGUESA

reconhecem que dá boa luz, consome pouco, dura muito

LUMIAR

é a verdadeira lâmpada económica

A nossa Secção Técnica está à sua disposição para qualquer
demonstração. A fábrica está patente ao público todas as ter-
ças-feiras, das 14 às 16 horas.

Avenida da República, 158 - LISBOA



Camara Municipal de Beja

Edital

Transferência do Mercado mensal da cidade de BEJA

Antonio Neves Graça, Tenente da
Arma de Infantaria e Presidente da Co-
missão Administrativa do Municipio de
Beja,

Faz saber que, por deliberação da
Comissão Administrativa do Municipio
de Beja, tomada em sua sessão de 15 do
corrente, o MERCADO MENSAL DES-
TA CIDADE que se realisava no primei-
ro domingo de cada mês, FOI TRANS-
FERIDO PARA A PRIMEIRA SEGUN-
DA-FEIRA DE CADA MÊS, sendo esta
deliberação e execução imediata.

Para ser do dominio público se dá
ao presente a devida publicidade.

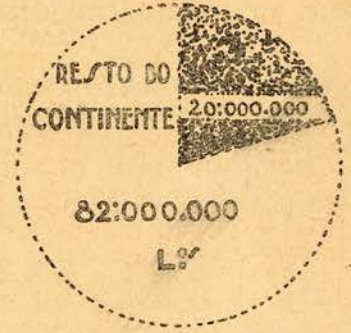
Paços do Concelho de Beja, 16 de
Outubro de 1934.

O Presidente,
Antonio Neves Graça

DISTRITO DE EVORA

GRAFICOS DAS MÉDIAS DAS PRODUÇÕES AGRICOLAS

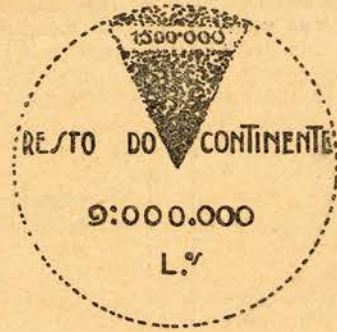
• TRIGO • • AVEIA • • GEVADA •



• FAVA •



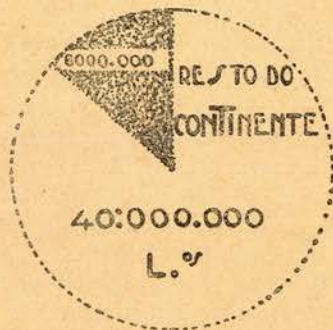
• GRÃO DE BICO •



• GORTIGA •



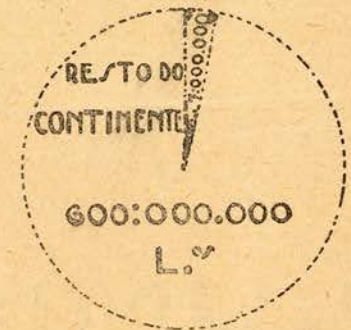
• AZEITE •



• LÃ •



• VINHO •



Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COLAÇÕES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

O magno problema do pão, focado pelo ex-ministro da Agricultura, Dr. Nunes Mexia

O sr. dr. Joaquim Nunes Mexia, dedicado alentejano, é um dos principais ornamentos da agricultura e ainda hoje está à frente, como Presidente da patriótica Associação da Agricultura Portuguesa

Homem muito lido e muito viajado, têm-se dedicado profundamente ao estudo dos vários problemas económicos que rodeiam a nossa agricultura, fazendo isso dele um mestre, um grande professor nos citados problemas.

Ha um assunto que tem sido largamente abordado pelos jornais alentejanos, e de que até nós já teem chegado clamores. Pois quê? Se a colheita este ano foi muito superior à do ano passado, porque motivo em algumas terras alentejanas, como Evora, o preço do pão subiu? Que razões de ordem económica se dão para tal subida? Só uma pessoa com a autoridade do sr. dr. Joaquim Mexia poderia focar este problema, dando resposta a tantos clamores que mui justamente se teem levantado no Alentejo.

— E à nossa pergunta feita à *queima roupa*, julgando nós que o ilustre representante da agricultura nacional, ficaria surpreendido, ele sem pestanejar, demonstrando ter o assunto sobrejamente estudado responde-nos com a maior clareza,

— O Estado deve sempre ser o educador máximo. Na verdade parece um paradoxo o facto do preço do pão subir precisamente quando se evidencia a abundância. Mas eu lhe explico. Foi a tabela actual decretada por dois anos; 1933 e 1934. Como baixar essa tabela se o produtor contou com esse preço? A fazer-se o contrário, o Governo perderia toda a sua autoridade, e poderia o Ministro na melhor das intenções decretar mil cousas que ninguém o acreditaria. Mas vamos ao ponto que mais interessa ao consumidor. Perguntou-me o sr. porque razão o pão subiu de preço? Porque o ano passado, se travou entre a indústria moageira uma luta deslealíssima e supinamente desasazada.

Este ano porém que a indústria está em organização desapareceu essa concorrência, regressando farinhas e pão, ao preço legal, com equilibrio de interesses entre produção e industria, e marchando-se para a solução final de melhoria e menos custo do pão.

Era esse o objectivo posto pelo Sr. Dr. Franco de Sousa, que para o atingir vinha dispendendo os melhores esforços da sua inteligência e vontade.

De resto o preço do pão tendo baixado só em alguns pontos da periferia, em regra perdia em peso o que

ganhava em preço, pode o amigo crer.

— Quer V. Ex.^a então dizer que a actual tabela de trigos que tão bons serviços está prestando à nossa lavoura, incitando-a a prosseguir na sua faina intensiva, acaba este ano?

— E' da lei. Mas impõe-se que o sr. Ministro da Agricultura publique quanto antes a nova tabela para que os lavradores conheçam as condições económicas em que devem trabalhar.

— Mas a lavoura nacional poder-se há aguentar se baixarem os preços dos trigos?

— Sim, aguenta-se desde que se faça uma baixa inteligente, bem estudada afim de não ir afectar a economia da produção.

— E porque pode baixar a tabela?

Porque a nova tecnica agraria feita de seleções de sementes, melhoria de adubos, pela substituição do simples superfosfato pela adubação composta e melhor amanho das terras, conduz-nos bem a um aumento de produção por unidade de superficie, e se mais gasta, é mais baixa a rasão do aumento de despesa do que a do aumento de receitas. E' justo e util que desse desvio favorável para a produção, partilhe o consumidor. Para que esta baixa seja mais apreciavel há que conjugar a baixa do preço do trigo com a

TERRAS ALENTEJANAS



A linda vila de Arraiolos

taxa de farinação e panificação e sobretudo com o termo desse velho *bluf* do tipo unico de pão!

— Como assim?

— O tipo unico de pão que está em vigor nunca teve efectivação. Acabe-se pois com a fantasia, entrando-se francamente no regimen dos dois tipos de pão.

«O de consumo proximoamente igual ao que hoje comemos e o de luxo fabricado com a farinha flôr. Baixe aquele tudo quanto pode baixar, cote-se este conforme o resultado que de rem as boas contas.

— E diga-me sr. dr., não nota certo nervosismo na nossa lavoura por não saberem quando poderão colocar os seus trigos? Concelhos há como o vosso, Móra, e como Fronteira, onde as respectivas delegações não sabem onde hão de recolher o cereal!...

— E' certo Ao muito que se tem feito. bastante ha que acrescentar. Impõe-se a construção de celeiros e nesse sentido se eslorça a Direcção da Federação. Muitos erros veem do passado, não esquecendo a importação de 40 milhões de quilos de trigo em 1932 que veio avolumar os numeros que dum ano para o outro tem transitado.

— Tem a Federação de Productores de Trigo prestado serviços correspondendo assim ás aspirações do Ministro que criou esse organismo?

— Se não fosse essa organização a lavoura nacional estaria em presença duma grande hecatombe. Esse organismo ainda tem deficiências, isto é: se ainda não satisfaz todas as nossas aspirações, ela deligencia ser bem o organismo indispensável á agricultura nacional, prestando já grandes serviços á mesma.

— Concluindo...

«A produção de trigo em Portugal tinha caído enormemente à sombra do regimen do pão político que ao Estado custou o melhor de 700 mil contos de moeda ainda pouco desvalorizada, e por força de vexames e perseguições que não esquecem.

Tremendo erro, ou antes crime económico, que se tem pago cruelmente e de que só uma política persistente e sabiamente conduzida, nos tem recomposto, havendo necessidade de prudentemente a continuarmos para chegarmos à conciliação de todos os interesses. Portugal precisa continuar a bastar-se quanto ao trigo, o que é empreza hoje fácil, se tivermos bom senso.»

Esta já vai longa para o resumido espaço da *Vida Alentejana*. Combinamos nova conversa e essa versará sobre outro magno problema. E' o das cortiças.

Um jornal e um jornalista

A *Ala Esquerda* de Beja entrou em mais um ano de publicação. Seria esta uma noticia vulgarissima se não se tratasse de um dos mais bem regididos jornais da provincia.

O sr. Soveral Rodrigues, fundador e director deste interessantissimo semanário, tem demonstrado nesta dezena de anos de direcção, que é um jornalista de raras qualidades e que sabe, como um autêntico profissional trabalhar e orientar.

E' um jornal com todos as caracte-

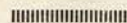


terísticas modernas, e todos os assuntos ali tratados são feitos com elevação, o que lhe tem grangeado muitas simpatias contando com numerosos amigos.

Tem ainda este semanário o condão de ser extremamente honesto definindo bem o carácter do seu director nosso amigo o sr. Soveral Rodrigues

Mas neste numero comemorativo um outro facto prendeu a nossa atenção. E' a factura desse jornal em que se demonstra que as artes gráficas no Alentejo também tem progredido visto que nas principais casas de Lisboa não se podia fazer melhor.

Os nossos parabens muito sinceros.



Vimos em Lisboa

De Odemira, Sr. Cesar de Carvalho Miranda, Presidente da Camara Municipal daquele Concelho.

De Aljustrel, o Sr. José de Matos Vilhena, dr. Ulisses Canijo e Joaquim de Brito Camacho.

De Redondo, Sr. Adelino Joaquim da Silva.

Conselhos úteis

Modo de combater as lombrias nos borregos — Esta enfermidade é produzida pelos parasitas que atacam os borregos de qualquer idade e em qualquer época do ano, mas a sua maior mortandade produz-se principalmente em fins de Dezembro princípios de Janeiro e em animais de 7 a 10 meses de idade. Os borregos atacados vão emagrecendo pouco a pouco até que morrem por esgotamento.

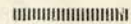
Aconselhamos:

1.º reduzir a pó muito fino 100 gramas de sulfato de cobre; dissolver depois em 1/2 litro de água a ferver; deita-se depois esse liquido num outro recipiente que contenha 15 lilos de água fria.

Este remédio pode servir para 100 cabeças de gado lanígero. Não se deve, porém empregar no emprego deste medicamento recipientes de latão. E' conveniente serem de madeira.

2.º Deve dar-se a cada borrego enfermo com menos de 1 ano três colheiras desse remédio, tendo o cuidado de não levantar muito o focinho ao animal a fim do remédio não ir para os pulmões.

3.º Evitar que o animal beba agua sem serem passadas 2 horas depois de tomar o remédio.



Grémio Alentejano

Conta a direcção, de acordo com o conselho regional, levar a efeito em data próxima, talvez no dia 11 do corrente mês, uma sessão solene para que se descerre a lápida de honra onde serão insculpidos as nomes dos officiais do Exército e da Armada alentejanos de origem que tomaram parte nas campanhas de Africa dos últimos anos do século XIX.

Na lápida de honra, ao que nos informam, figurarão, entre outros, os nomes dos srs. Tomaz António Garcia Rosado, João de Azevedo Coutinho, Anibal Sanches de Miranda, António de Andrade Velez, Ernesto Vieira da Rocha, Ladislau Mário Durão de Sá, Diogo Fortunato de Azinhais, etc.

A esta homenagem assistirão algumas das altas individualidades officiais, tudo deixando prever que o preito rendido á heroicidade dos nossos comprouvianos em favor da consolidação do império ultramarino português, se revestirá de grande brilhantismo.

«Vida Alentejana» que se criou no intuito de exaltar quanto represente motivo dignificador da nossa Provincia, associa-se calorosamente á justissima homenagem em vias de realização.

VOZES DE LONGE...

A Serra de Portalegre



Meu caro e velho amigo Pedro Muralha — Escrevo-lhe da Capital Federal da Helvecia para dizer-lhe que tenho acompanhado, com jubilo tóda a sua iniciativa a favor da nossa linda provincia alentejana.

O seu jornal «Vida Alentejana» é uma bela expressão da sua actividade.

Felicito-o e felicito os nossos comprouvianos. O reclame que o meu amigo tem feito á Serra de Portalegre, é merecidissimo. Vá mais longe; penetra nas Serras de S. Julião até á fronteira hespanhola, e verificará que o Surá-suiço não é, nem egual, em beleza. E estou certo, que confirmada por

si, e de visu, a minha observação levantará no seu jornal, uma idéa util. Refiro-me á construção de uma estrada, que continue a estrada da Serra, passando por S. Mamede, S. Julião, com duas ramificações, uma até Algrete, e a outra até ao Pino de Valencia de Alcantara.

Não esqueça de sêr essa região forte em riquezas mineiras, e em possiveis captações de água, origens de luz e energia.

Não ha hotel, nessa Freguesia, fundada pelo Bispo D. Julião de Alva, que deu capacidade juridica e religiosa, ás gentes moradias em terras de

Xevora, mas a começar pelo Prior, até ao mais humilde dos habitantes, encontrará o amigo Muralha um coração para abrigar a sua alma de artista, e, o que não é para desdenhar, boa méza com paos do Alentejo, açórdas bem azeitadas... e um vinho clarete excelente da charneca maravilhosa.

Publique estas linhas que certamente vão regosijar essa boa gente de São Julião.

Sempre seu admirador

JOSÉ BARRETO DE ATALAYÃO

A Feira de Castro Verde

Realizou-se nos dias 20, 21 e 22 passado, sendo mais concorrida do que nos anteriores, a tradicional feira de Castro Verde, uma das primeiras do Alentejo, pela afluência de pessoal de quási todos os pontos do paiz e pelo grande número de transacções que ali se costumam fazer.

Porém êste ano as transacções não foram muitas porque havia muito quem pretendesse vender mas pouco quem quizesse comprar.

Apenas em gados houve um movimento regular, principalmente no suino e ovino devido ao seu baixo preço, tendo o primeiro atingido uma cotação tão baixa de que não há memória nêstes últimos anos.

As espécies restantes estiveram muito valorizadas, principalmente a muar, cavalar e asinina pelo que tiveram pouca saída.

Em cereais pode dizer-se que não houve transacções nem quem as procurasse.

Em lãs e legumes, algumas transacções se fizeram mas poucas.

O arraial de gado esteve composto e concorrido como nunca esteve em anos anteriores e as barracas muito

variadas abundando as de divertimentos.

A sua disposição era primorosa e a iluminação deslumbrante, pondo assim em relevo o bom gosto dos Ex.^{mos} Vo-

A feira de Castro Verde tem sido sempre *rendez-vous* e a ela muitos lares devem a sua felicidade.

Como habitualmente encontravam-se ali expostos muitos productos alen-

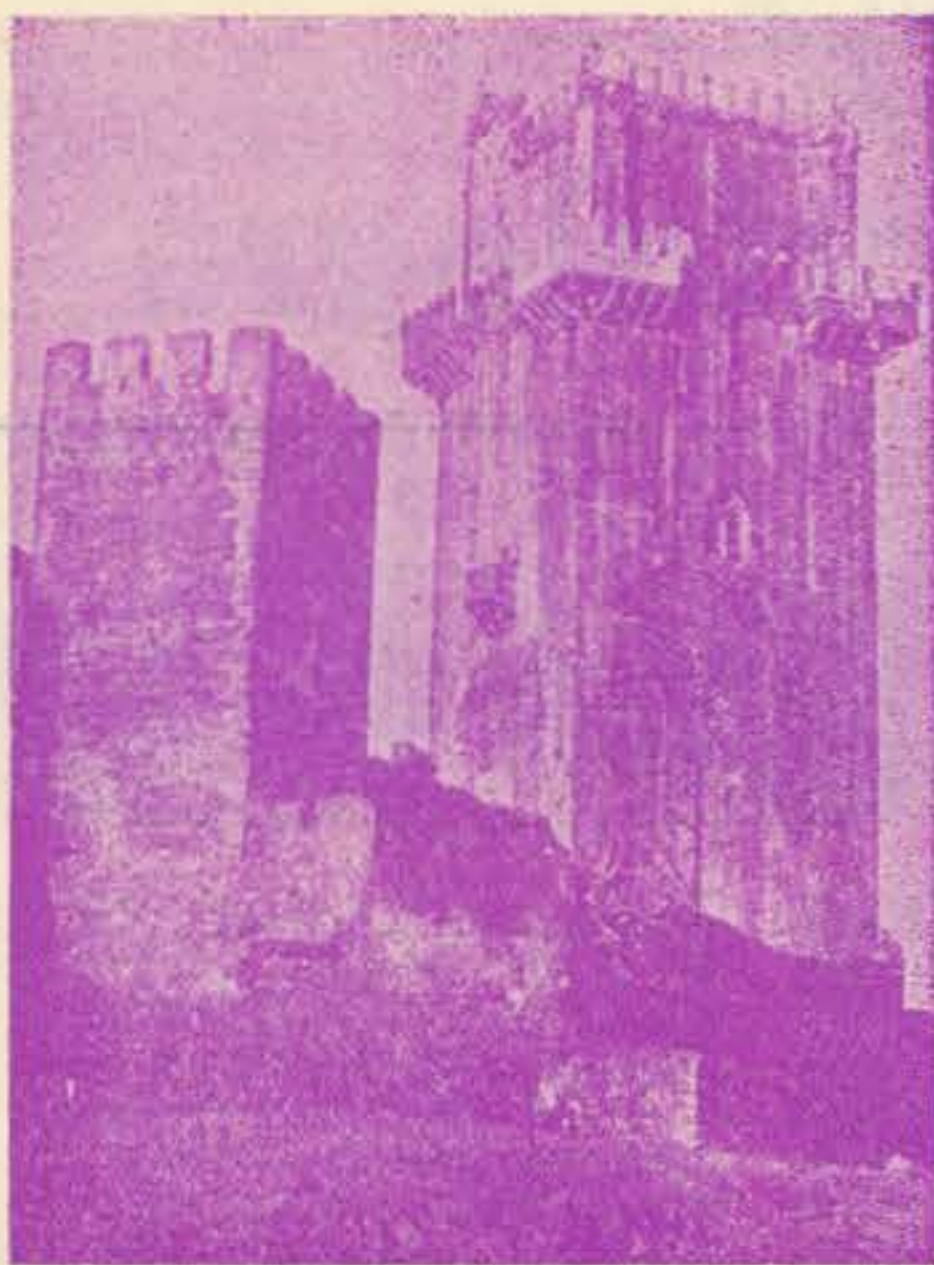


Rua D. Afonso I

gais da Camara Municipal e contribuindo grandemente para realçar a beleza das gentis damas castrenses que, ostentando as suas *toilettes* de requintado gosto transformaram aquele apravel recinto num jardim de lindas flores e fino perfume.

tejanos e algarvios, não faltando os tradicionais figos cheios, pinhas, castanhas, nozes, etc., que são a delícia de muita gente que ali costuma ir propositadamente banquetear-se.

MARIO ROBALO DA CRUZ
Correspondente



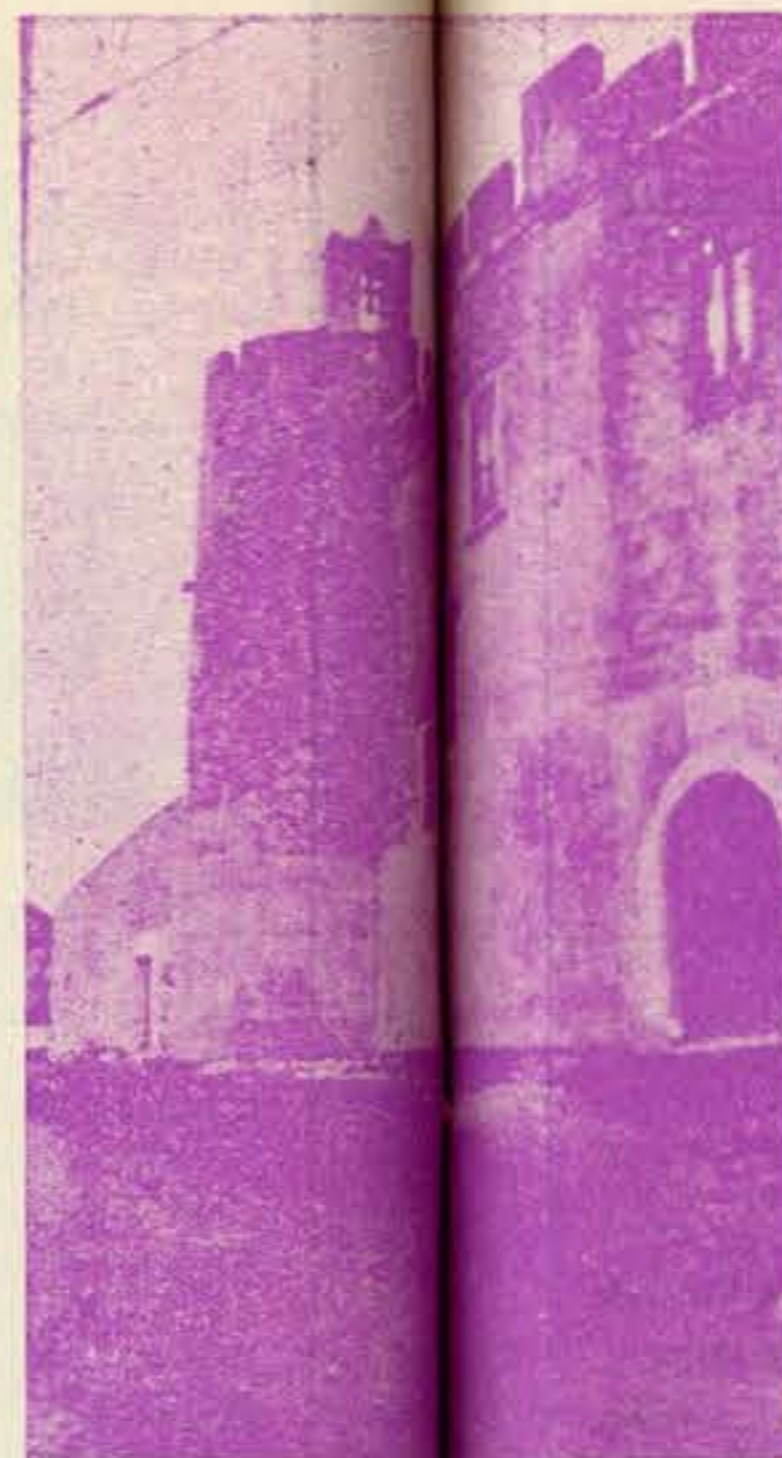
O Castelo de Beja tendo ao lado a Torre de Menagem, a mais importante de toda a Península, mandado edificar pelo Rei Lavrador, onde esteve preso o Almirante Lançarote Pessanha, por seguir a política de D. Leonor Teles, contra o Mestre de Avis, tendo sido morto pelo povo.

da Pátria desempenharam uma grande missão? O camartelo do pedreiro, foi a ferramenta destruidora dessas preciosidades. Quantos castelos não se encontram ainda a atestar o nosso esforço em defesa da Pátria, como é o castelo de Noudar, em Barrancos e tantos outros?

Mas acarinhe os que ainda se encontram em pé sob a protecção da benemerita Comissão dos Monumentos Nacionais. O mais importante, aquele que nos mostra maior imponência ergue-se no coração alentejano dominando a vasta planície autêntico oceano de trigo.

É o Castelo de Beja, conhecido pela Torre de Menagem, que hombraia com o velhinho castelo, que foi defeza durante muitos séculos de várias raças humanas. A Torre de Menagem, é no genero, a primeira da Península; foi mandada edificar por D. Dinís, estando em ótimo estado de conservação.

No mesmo genero de arquitectura mas com 14 metros mais baixo temos o Castelo de Estremôs. D. Dinís fez aqui Paços Reais, e foi na Torre de Menagem que faleceu sua esposa a que a história denomina Rainha



Castelo

Muitos desses monumentos perante os quais, toda a gente se devia descobrir quando por eles passasse, estão já muito velhinhos. Alguns apenas servem de imponentes miradouros como o de Marvão, Castelo de Vide, Mertola, Moura, etc. Bom será que a Comissão dos Monumentos Nacionais faça respeitar, e trate da sua conservação essas velhas reliquias do passado glorioso.

Em Moura existe também um Castelo a que se liga a história da Moura Saluquia. Esse está em ruínas, mas pela sua arquitectura e pelo local onde se encontra,—jardim público—bem merecia a sua reconstrução.

O Castelo de Alvito, mais recente pois é do tempo de D. João II também traduz uma época, pois é um documento eloquente que define essa época, da queda do feudalismo. É uma página brilhante da nossa história esta, onde se demonstra que D. João II não foi só o grande descobridor e que levou portugueses por mares nunca dantes navegados, segundo a época, mas que conseguiu dar um golpe vibrante certo nêsse poder monstruoso conhecido pelo feudalismo.

Visitamos, ainda ultimamente, outros Castelos que são completas ruínas.

Estão nestes casos os Castelos de Nisa e de Alpalhão. São velhos farrapos de pedra e cal que o camartelo do tempo tem feito destruir também o Castelo de Evoramonte que ainda em 1834 tomou uma parte activa nas guerras liberais está a necessitar de reparação, assim como



Castelo de Estremoz

algum tesouro, ou não roube algum um desses bocados de calça secular.

Do velho Castelo de Monforte tambem se disfruta um panorama surpreendente.

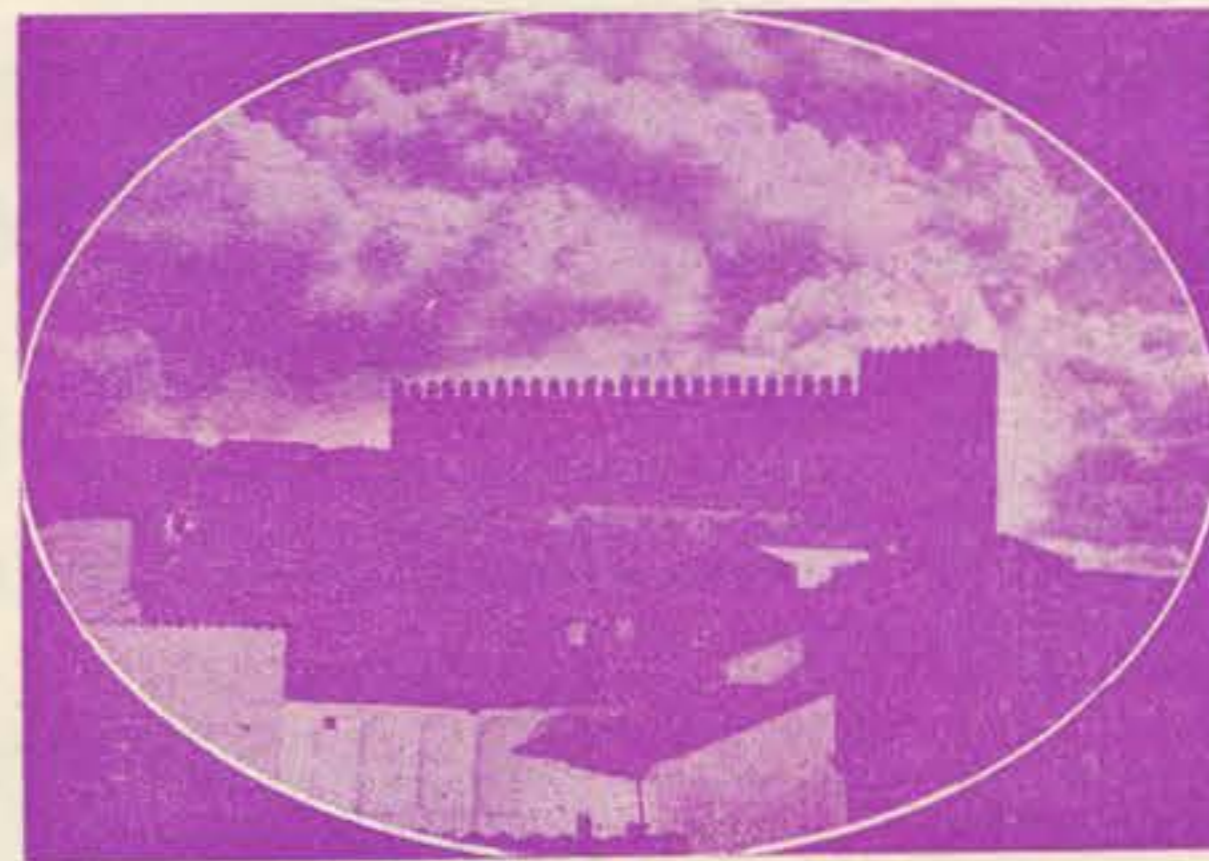
Enfim, o Alentejo está semeado desses padrões antigos que constituíram a defesa do país durante muitos séculos.

Mesmo que nós estamos convencidos de que se não existisse Alentejo Portugal não seria uma nação livre e independente.

Sim. Portugal muito deve ao Alentejo. Na sua defesa que campos tão históricos? Ourique, Montes Claros, Ameixial, Atoleiros, sem falar nas heróicas praças de Elvas e Campo Maior que durante quasi 7 longos séculos, defenderam dia a dia, palmo a palmo a terra portuguesa.

É o Alentejo tambem fértil em obras de arte para defeza do país. Hoje Vida Alentejana insere as gravuras de alguns Castelos e Torres de Menagem que se erguem imponentemente, não só pelas campinas alentejanas mas por toda a vasta provincia.

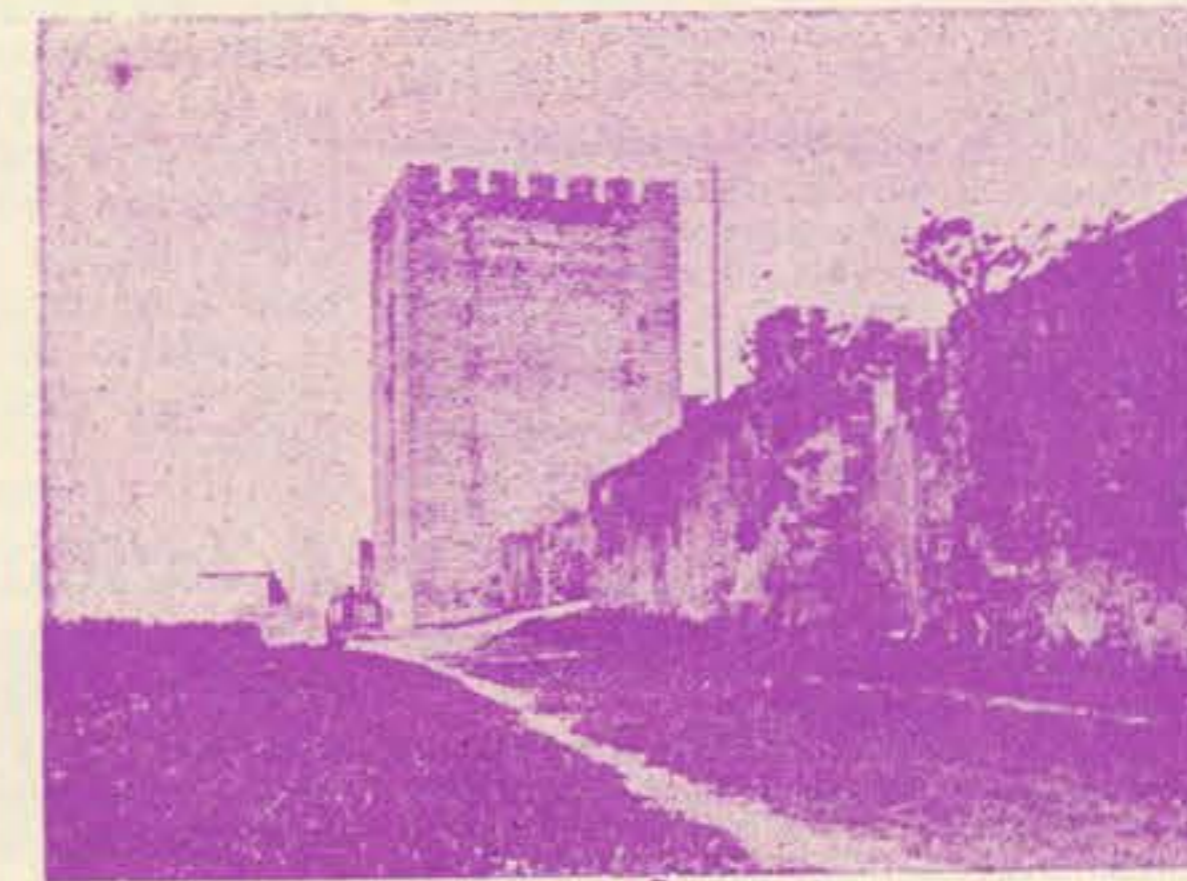
Muitos castelos teem sido destruidos por essa onda selvagem da devastação. Outros ainda estão em ruínas, e nem a Comissão dos Monumentos Nacionais lhes pode valer. Onde pára o histórico Castelo de Evora, ou de Avis, assim como tantos outros que na defesa



Castelo de Campo Maior

CASELOS

ALENTEJO



Castelo de Elvas



Castelo de Amieira

Santa Izabel. Castelos desse tipo vimos outro que se ergue em Olivença esse bocado de terra alentejana que constantemente chora a separação de sua mãe.

Outros castelos alguns bem históricos se espalham por todo o Alentejo como antigas sentinelas vigilantes.

Que papel não desempenhou o Castelo de Evoramonte? Os Castelos da Amieira, de Portel, Portalegre, Elvas, Marvão e Alter, são outros tantos monumentos a atestarem quanto o Alentejo defendeu em tempos idos a terra portuguesa.



Castelo de Chão

os Castelos de Portel e de Montemor-o-Novo.

Ainda temos outro Castelo para os quais chamamos a atenção de a quem competir. É o Castelo de Mertola que se debruça sobre o Guadiana.

O Castelo de Veiros, esse histórico monumento onde D. João I descansava quando se dirigia para Avis, e onde criou amores com a mãe do primeiro Duque de Bragança, esse então está vedado ao publico porque o venderam e porque o seu actual proprietário não consente que ninguém o visite, não vá ali descobrir



Castelo de Marvão

O NOSSO EMPREENDIMENTO

Continuamos hoje a publicar os nomes dos nossos compromissários que nos quiseram honrar com a sua assinatura demonstrando assim o seu espírito alentejanista. Para esses as colunas do nosso modesto semanário estão ao seu dispor.

Portalegre—Srs. António Afonso Franco, António Bastos de Oliveira, António Candido Martins Maldonado, Dr. António Galiano Távares, António Pereira Távares, Artur Emilio Candido Paz, Camara Municipal, Carlos Heliodoro Madeira, Dr. Emilio Carita Pulido, Francisco de Assis Martins, João Alfredo Pombo, Dr. João Augusto Mimoso, Joaquim Elias, José Elias, José Manoel Gomes, Luís de Sousa Gomes, Manoel do Carmo Peixeiro, Manoel Elias, João de Monte Empina e Silvestre da Cruz Lopes.

Alter do Chão—Srs. António d'Oliveira Carrilho, Artur Barradas de Carvalho, Cosme Godinho Marques Teixeira, Domingos Frade Castelo Branco, Dr. Francisco Barreto de Sousa Alvim, Francisco da Cruz Ferreira, Francisco Gusmão Barreto Caldeira, Dr. H. A. Sá Nogueira, João Frade Caldeira Castelo Branco, João Moreno Antunes, José Carrilho Rosado, José Francisco Caldeira Cary, Pedro Monteiro Mota, Angelo Alberto Monteiro e Rafael Mendes Calado.

Arraiolos—Srs. Francisco Carlos de Brito, Francisco Gregório Delgado, Jeronimo Vidigal Rodrigues, José Gonçalves Felix de Mira, José Joaquim Soffó (Monte de Balanqueira) e Luís Barroso Felix.

Aronches—Srs. Acácio d'Oliveira Barbas, António d'Oliveira Barbas, António Joaquim Manoel, Gaudêncio Velez do Peso, Francisco Ponce Romão, Francisco Romão Tenório, Joaquim Romão Tenório, João Felix Tavares Magro, José Martins Palmeiro, Manoel Joaquim Venancio e Morais & Irmão, Ltd.

Assumar—António de Moura Tenório e Joaquim Maria Busca.

Barreiro—Srs. Carlos Moura Gomes Joaquim António de Carvalho, Manoel Afonso de Jesus e Alberto Teixeira.

Campo Maior—Srs. José Nogueira Sobrinho, Manoel Joaquim Lopes Francisco Córado Junior, Agnelo Regala Minas Mociña, Carlos Mira Lavadinho, Domingos António Rabiaes, João Muñoz, Manoel Tenório Rente, Marceano Alves, Luis Telo da Gama, José de Sousa Pereira da Gama, Arestides de Sousa Niza e Francisco Córado Sobrinho.

Cano—Srs. André Luna Pais, Dr. António Graça e António Martins Andorinho.

Castro Verde—Srs. Antero Martins Figueira, Dr. António Francisco Colaço, António Telo Felgueiras, Carlos Nobre, Camara Municipal, Francisco António Colaço, Horácio Luis Martins Figueira, Ignacio António Godinho (Entradas) Jacinto Manoel Paleiras, José Guerreiro Faleiro, Joaquim António Franco (Casevel) e João de Brito Palma.

Cercal do Alentejo—Srs. António Ferreira, António Jacinto Martins, Arsénio João Pereira e José Fonte Santa.

Colos—D. Maria Julia de Brito Pais Falcão, José Julio de Brito Pais Falcão, José António Felix, José Correia de Oliveira, José Lourenço de Matos e Rev.º Eloy Freire de Andrade.

Cuba—Srs. José Francisco da Costa, D. José Manoel Barahona, M. Bolinhas, Manoel Ignacio Lança, Martinho José Ferro e Dr. Fernando Dias (Vil'Alva).

(Continúa)

CURIOSIDADES

Alcool de batatas

As batatas segundo Henry Ford, possuem alcool suficiente para accionar máquinas complicadas. O célebre fabricante de automoveis diz que se aproxima a época de fazermos, nós próprios, em nossas casas todo o combustível de que necessitamos. A serragem, a maça, o joio e quasi todos os vegetais são foneis magnificas de energia, declara Ford, acrescentando que a electricidade será a espécie de energia que as cidades americanas do futuro empregarão tanto para o calor como para a luz.

O carvão será queimado debaixo do solo e convertido em «energia branca» que será transmitida pelos frios.

Os nomes dos meses e a sua origem

Fala-se actualmente na mudança do calendário.

Os nomes actuais dos 12 meses do ano são os mesmos com breves modificações do Calendário de Juliano de que o Universo se serve desde Julio César. As únicas alterações trazidas a esse Calendário são devidas ao Papa Gregório XIII, que estabeleceu a sua concordancia com o ano solar suprimindo 10 dias do ano 1852 e designou que os anos bissextos se contariam de quatro e quatro anos, salvo no último ano de cada século que seria bissexto de quatrocentos e quatrocentos anos. Por outro lado o ano que começava a 1.º de Março para os Romanos, começou no dia de Natal durante a idade média e foi um edito de Carlos IX que lhe fixou definitivamente em 1564, o início do 1.º de Janeiro.

Janeyro, do latim *Januaris*, era consagrado a Janos, o deus de duas faces, uma belicosa e outra pacífica; Fevereiro de *rebruareus* era a época das espições, precedendo o início do ano romano; Março, o mês do deus da guerra; Abril era consagrado a *Aphrodite*, deusa da riqueza e teve o seu nome do verbo «aperite», abrir, porque em Abril se abrem as flores; Maio vem da deusa *Maia* e Junho de *Juno*, esposa de Jupiter; Julho é assim chamado desde o ano 45 antes de Cristo, em honra de Julio César; Agosto em honra do Imperador Augusto; Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro significam sétimo, oitavo, nono e décimo mês.

Essa classificação, falsa presentemente era contudo exata quando o ano começava pelo mês de Março, isto é, anteriormente do já citado e dito de Carlos IX, por onde se vê que a origem dos meses é antiquissima.

A acção dos olhos

Os olhos «são o espelho da alma», já o disse um poeta ou um filósofo. Até nesse particular o cinema mete o bedelho e os dirigentes dos filmes, arvorando-se em psicólogos querem ver na cor dos olhos dos artistas aptidões para certos papeis, dando caracter particular ao tom da iris.

Os directores de fitas americanas baseiam-se neste quadro ao que parece para fazer a distribuição dos papeis:

Azul escuro: Pureza de amor, afeição.

Azul claro: Constança, bom humor.

Pardo ou esverdeado: Impulsivo, impressionável.

Verde castanho: Faceiro, falta de sinceridade.

Castanho escuro: Apaixonado.

Na referida nomenclatura não há referência aos olhos pretos. Seguramente não existe nenhum exemplar desses olhos no Hollywood.

O valor monetário de uma mulher

Comentando certas decisões dos tribunais franceses, em processos de divórcios, pelos quais os maridos tem sido dispensados da clássica pensão, um jornalista americano teve a ideia de perguntar às suas leitoras qual seria, em moeda, o valor de uma esposa. Uma matrona de 60 anos respondeu ao pé da letra, com algarismos, dizendo que até essa idade e há 30 anos era casada servira ao marido 235.425 refeições, 33.190 pães (é sabido que na América se fabrica o pão em casa), 5.930 pastéis e 7.960 tortas. Criara para o marido, 7.760 galinhas e podia assegurar matematicamente quasi que passara 36.461 horas a costurar, lavando e remendando. Todo este trabalho valia segundo os seus cálculos, 115.485 dólares (cerca de três mil escudos, moeda portuguesa).

Mas a espirituosa matrona acrescenta ainda que nesta conta não estão incluídos os juros dos empréstimos que fizera ao marido e aos parentes, com o produto das suas economias.

Mercado mensal em Beja

A Camara Municipal de Beja presidida pelo nosso bom amigo sr. tenente Graça, que aos progressos da sua terra tem dado o seu melhor esforço acaba de conceder á classe comercial uma regalia que há muito constituia a sua aspiração. Que o descanso semanal seja ao domingo, como em Lisboa, Porto, Evora etc.

Mas para que o comercio não fique prejudicado com a mudança do dia nos principios de cada mez o mercado de gados que há mais de 40 anos se realisava no primeiro domingo de cada mez passou a fazer-se ás 2.ªs feiras.

A farinha em rama

Teem chegado até nós clamores contra o facto de se pretender acabar com a farinha em rama, obrigando todo o pão a ser fabricado com farinha peneirada, mecanicamente.

A este assunto ligaremos a importância que elle requer, ouvindo pessoas autorizadas sobre o assunto. Quanto á nossa opinião devemos dizer: somos alentejanos, e quando vamos á nossa terra a primeira cousa que pedimos é uma assordinha á alentejana, e isto porque o pão muito espoado como se come em Lisboa não é próprio para tão delicioso prato regional. Se acabarem com esse pão, fabricado com a farinha em rama matam a asorda que é a principal alimentação das classes pobres e... de muitos ricos. Ou não?

Vida Alentejana

Preço da assinatura

Série de 5 numeros..... 5\$00

» 10 »..... 10\$00

Número anual 2\$00

A ROSEIRA

Sua origem e sua importancia "ética e étnica"

Pelo Professor S. Decker

IV

A grande popularidade disfrutada pela rosa em Roma sob os imperadores e, simultaneamente, em outros paizes, é brilhantemente evidenciada no epigrama de Martial. Conta o poeta que os tributarios do Egipto, querendo testemunhar ao imperador de Roma, por uma forma inequivoca e altamente gentil, a sua vassalagem e admiração, enviaram-lhe de Memfis em pleno inverno, um navio carregado de rosas. Mas, qual não foi a surpresa dos portadores dessa ddiva cativante ao ver nos arrebaldes da «Roma feliz» sob os gelos inclementes da estação, roseiras inumeraveis florescendo gloriosamente! A arte dos jardineiros romanos já se elevara bem mais que a deles, e o poeta termina ironicamente, aconselhando os egipcios a voltarem com as suas rosas e a enviarem trigo, que Roma ainda não cultivava tão intensamente quanto as rosas.

Mas, em Roma, o culto da rosa estava destinado a sofrer, como sofre tudo o que é bom e grande, quando os clarões do arrebol da decadencia anunciam a descida para o fim...

Para Cícero, a rosa já se tornara o simbolo da vida opulenta. Perdera-se a noção mais alta legada pelo genio helenico, chegando-se, durante a decadencia romana, a praticas verdadeiramente incompreensíveis. Eram despresadas as rosas de verão e as da primavera apreciando se apenas as que apareciam fóra do tempo. Contudo, navios vindos da Espanha e da India remota traziam rosas como carga unica e os namorados descansavam em travesseiros cheios de petalas de rosas... Apreciava-se a grande massa, a quantidade desprezando-se a beleza e a perfeição individuais. Sinal dos tempos...

Cleopatra ordenava que o pavimento do palacio das suas grandes festas fosse coberto por uma camada de rosas de meio metro de altura.

Numa das suas celebres festas Nero, levando a córte para um passeio atravez da baía de Bajae, deslumbrou os seus convidados com um espectáculo inédito e inesperado — as aguas estavam literalmente cobertas de rosas e as ondas agitavam um imenso manto de flores. Numa das suas orgias Helio-gabalo mandou derramar sobre os seus convidados, no Palácio Imperial,

uma grande chuva de rosas. E tão intensa foi essa imperial homenagem, que alguns dos comensais, os mais ebrios, não poderam salvar-se das ondas perfumadas perecendo asfixiados.

Era sem duvida a triste decadencia! Cair a rosa do seu pedestal. Deusa de um culto requintado e subtil descera á condição de objecto de góso, adorno de bacanaís...

De degrau em degrau, e por fim em grandes saltos, desceu até ás trevas o sublime culto da roseira. A rosa flôr de luz e simbolo da vida, torna-se na credence alvar do populacho, a companheira de fantasmas e demônios...

Do culto puro sobraram apenas farrapos imundos vestindo a mais estúpida superstição. Tão injusta situação perdurou até principios da era cristã, até ao dia em que os apóstolos da nova fé, partiram para os barbaros do norte. Estes eram indo-germanicos e foi decerto a influencia das forças atavicas que operou no meio deles uma grandiosa ressurreição. No norte frio e sombrio encontrou o culto da rosa novamente o seu pedestal, que era o proprio espirito de aqueles povos que reconheceram na rainha das flôres a linda filha de uma patria comum.

Feiras e mercados

Novembro

Dias 1 a 3 Alvito; 18 Aljustrel 29 e 30 Estremós. Na primeira 2.ª feira mercado de gados em Beja.

Mercados semanais: *Aos domingos*: Alandroal, Portagem (Marvão) Santo António das Areias, Souzel e V. Viçosa. *A's 2.ªs feiras*: Elvas, Borba e Beirã. *A's 3.ªs feiras*: Evora. *A's 4.ªs feiras e sabados*: Portalegre. *A's 5.ªs feiras*: Marvão; *às 6.ªs feiras*: Castelo de Vide, sendo mercado franco no fim do mês; *Aos Sabados*: Estremós, Moura.

Efectuam-se ainda os seguintes mercados; dia 5, Pias (Serpa); dia 8 Senhora da Cola (Ourique), e Reguengo (Portalegre). No primeiro domingo de cada mês em Alpalhão; 2.º domingo Nisa, Reguengos e Cuba; 3.º domingo Vendas Novas e Ponte de Sôr; 4.º domingo em Nisa, Mertola e Castro Verde; dia 30 em Alvito.

"Vida Alentejana"

Continuam os colegas e comprovincianos a fazerem-lhe as mais elogiosas referências, que muito agradecemos. O importante semanário regionalista, de Serpa: *Terra Alentejana* refere-se à *Vida*, nos seguintes termos:

Iniciou no dia 11 de Setembro, p. p., a sua publicação, na cidade de Lisboa, este belo semanário agrícola e pecuário que o intelligente e hábil jornalista alentejano Pedro Muralha, editou para bem da nossa provincia e para honra da imprensa alentejana

Temos presente todos as numerosos publicados e pela leitura que aos mesmos fizemos podemos garantir aos nossos queridos leitores que *Vida Alentejana* marca um lugar de destaque na imprensa sua congénere, pelo que lhes recomendamos a sua leitura.

A Pedro Muralha, jornalista que não conhecemos mas a quem estamos ligados de alma e coração na sacrosanta causa do regionalismo, endereçamos as nossas felicitações e fazemos ardentes votos para que o seu jornal tenha uma vida desafogada e um futuro muito risonho.

Uma carta

Presado conterraneo. Permita-me que, apesar de não ter o prazer de o conhecer pessoalmente, eu venha endereçar-lhe as minhas muito sinceras felicitações pela feliz iniciativa da publicação da «Vida Alentejana».

O nosso Alentejo bem carecido estava de que lhe cantassem as suas belezas naturais, que as tem e muito dignas de serem vistas e apreciadas.

Por as desconhecerem, decerto, é que alguns escritores têm sido tão injustos nas suas referências a essa abençoada e fértil região, advindo daí a lenda de que o *celeiro de Portugal*, é um deserto quasi inhabitável!

Era tempo, pois, de demonstrar que, longe de assim ser, o Alentejo possui encantos naturais nas suas vastas campinas e nas suas alcantiladas serra.

Que tão bela e útil publicação venha a perdurar com progressivo desenvolvimento das suas úteis e interessantes secções, de forma a torná-la uma revista digna do alto objectivo que visa!

São os sinceros votos do que se subscreve com muita consideração e simpatia.

De V. etc.

JOÃO BENTO DA CRUZ

Muito importante

Todas as pessoas que não temem satisfeito os seus recibos temo-las eliminando do número dos nossos assinantes. Só respeitamos para efeito do envio da Revista, aqueles que estavam ausentes. Vamos mandar os recibos novamente a esses, esperando que não deixem de satisfazer as respectivas importâncias se lhes interessar o nosso trabalho e quizerem continuar a recebê-lo.

Propaganda

Em serviço de propaganda da *Vida Alentejana* devem partir brevemente para Móra, Arraiolos, Evora e Reguengos os nossos cooperadores sr. Henrique Vasques e sua esposa.

Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Gavião Feira 21-X	Beja mercado 6 de Out.	Redondo Feira de S. Francisco	Evora 30-X	Estremós Outubro	Portalegre Mercado	Veiros	Castro Verde Feira 20 de Outubro
Aveia, 20 litros	8\$00	6\$00	7\$00	7\$00	7\$00	8\$00	7\$00	6\$00
Centeio, 20 litros	13\$00	—	10\$00	k. \$80	14\$00	14\$00	9\$50	—
Cevada, " »	10\$00	7\$50	9\$00	9\$00	10\$00	10\$00	—	8\$00
Fava, 20 litros	16\$00	14\$00	18\$00	14\$00	14\$00	17\$00	15\$00	13\$00
Grão de bico, 20 litros	30\$00	25\$00	25\$00	25\$00	25\$00	28\$00	25\$00	26\$00
Lã } branca, 15 kilos	125\$00	—	150\$00	—	145\$00	150\$00	—	130\$00
} preta, " »	90\$00	—	110\$00	—	100\$00	120\$00	—	95\$00
Queijos } cabra, kilo	K. 10\$00	12\$00	9\$00	cent. 80\$00	—	80\$00	—	18\$00
} ovelha, kilo	12\$00	12\$00	9\$00	» 70\$00	12\$00	14\$00	—	18\$00
Azeite, 10 litros	60\$00	55\$00	56\$00	60\$00	60\$00	60\$00	litro 7\$00	60\$00
Cortiça, 15 quilos	8\$00	—	16\$00	9\$00	—	—	—	17\$00
Vinho } branco, 500 litros	450\$00	450\$00	400\$00	375\$ 0	400\$00	450\$00	—	500\$00
} tinto, " »	400\$00	450\$00	250\$00	375\$00	400\$00	450\$00	—	500\$00
Carvão, 15 quilos	4\$50	4\$50	3\$75	5\$50	4\$00	6\$00	—	6\$00

Cotação de gados

Designação	Beja Mercado 6-X	Redondo Feira de S. Francisco	Evora Feira Nova 13-X	Estremós Outubro	Castro Verde Feira 20 de Outubro	Gavião Feira 21-X
Cavalo de sela	2.500\$00	2.500\$00	2.000\$00	3.000\$00	3.000\$00	2.000\$00
Pareilha de cavalos	5.000\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	6 0 0\$00	4.00 \$00
Jumento	300\$00	500\$00	400\$00	250\$00	300\$00	50 \$00
Pareilha de muare	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00	10.000\$00	10.000\$00	8.0.0\$00
Junta de bois	4.500\$00	4.500\$00	4.000\$00	4.000\$00	5.000\$00	4.000\$00
» » vacas	2.000\$00	3.000\$00	2.800\$00	3.000\$00	4.000\$00	3.000\$00
Vaca leiteira	2.500\$00	2.500\$00	2.000\$00	1.500\$00	3.000\$00	1.800\$00
Novilhos	1.200\$00	—	5.500\$00	1.200\$ 0	2.000\$00	1.000\$ 0
Vitela de 6 mezes	600\$00	—	400\$00	400\$00	100\$00	500\$00
Carneiros	120\$00	100\$00	90\$00	100\$00	80\$00	70\$00
Ovelhas	85\$00	90\$00	100\$00	100\$00	—	45\$00
Borregos	30\$00	—	50\$00	—	70\$00	15\$00
Cabra leiteira	100\$00	100\$00	100\$00	150\$00	—	80\$00
Cabrito	30\$00	25\$00	25\$00	50\$00	—	12\$00
Porco, em vivo	300\$00	arr. 100\$00	250\$00	50\$00	(Arroba) 90\$00	(Arroba) 80\$00
Bacoros	100\$00	—	30\$00	80\$00	(10 m.) 140\$00	50\$00
Leitão de mês	25\$00	—	15\$00	—	20\$00	20\$00

Salários médios

Conceitos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/ comida	A sêco	C/ comida	
Evora	Trabalhos da época	8\$00	3\$50	3\$00	2\$50	Em Veiros os homens ganham 75\$00 e de comer, por mês. A sêco 7\$00 por dia. As mulheres ganham 2\$50 por dia.
Portalegre	Trabalhos da época	—	5\$00	3\$50	3\$50	
Castro Verde	Vendimia e lavoura	7\$00	—	3\$00	—	
»	Fab. de vinho e sement. de aveia.	8\$00	4\$00	—	—	
»	Sementeira adubo	10\$00	4\$00	—	—	
Gavião	Sementeiras	5\$00	—	—	—	
»	Videiras	5\$00	3\$00	—	—	
»	Fabrico de carvão	7\$00	4\$00	—	—	

Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma						
	Lisboa	Beja	Redondo	Evora	Veiros	Portalegre	Castro Verde
Cabra	4\$50	6\$20	—	—	—	5\$00	5\$00
Cabrito	6\$00	6\$20	—	—	6\$00	5\$00	5\$00
Carneiro	4\$00	6\$20	—	5\$60	—	5\$00	6\$00
Porco } com osso	10\$00	8\$00	6\$00	9\$00	8\$00	8\$00	6\$00
} sem osso	14\$00	10\$00	12\$00	14\$00	—	12\$00	9\$00
Vaca } com osso	8\$00	6\$00	—	6\$50	—	4\$40	6\$00
} sem osso	10\$00	10\$00	—	12\$00	—	8\$80	16\$00
Chouriço	16\$00	18\$00	18\$00	18\$00	14\$00	12\$00	16\$00
Farinheira	8\$00	—	—	8\$80	8\$00	7\$00	—
Morcela	8\$00	12\$00	14\$00	12\$00	12\$00	7\$00	—
Paio	24\$00	20\$00	20\$00	—	—	16\$00	20\$00
Presunto	15\$00	18\$00	—	—	—	18\$00	16\$00
Toucinho	8\$00	8\$00	10\$00	8\$00	8\$00	6\$20	8\$00
Banha de porco	8\$00	8\$00	8\$00	8\$00	8\$00	7\$00	8\$00

João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Telefone N. 5274

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agrícola e Pecuária

Trigos, cevadas e toda a especie de cereais

LÃS E LATICÍNIOS

CLINICA MEDICA E DENTARIA

C. do Carmo, 25, s/1-D.

Telefone 2 7146 — LISBOA

Doenças da boca e dentes — Cirurgia da especialidade — Clínica média.

Dentes artificiais colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultório, quanto à perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana
Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalari e muar

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

Exploração Agrícola e Pecuária — BARRANCOS

PATRICIOS

Inscreevei-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de 5, 10, 15
e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agrícola e Pecuária

Colos — ALENTEJO

Dr. Rosado Baptista

VACINA FIEDMANN, para cura da tuberculose, das 11 ás 16. Classes pobres. preço de Policlinica, ás segundas e quintas, Av. Almirante Reis, 31, 1.º — Tel. N. 4363

Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agrícola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS E MEL

Monte Negro — VALE DO SADO

SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

Cabeço de Vide

Estancia de aguas minero-medicinais (sulfo-alcalinas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e bexiga, entercolites mucos-membranosas.

Epoca balnear de 1 de Junho
a 31 de setembro

Director clinico:

Dr. Alexandrino Lopes Russo

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas aguas fornece todas as indicações.

C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telefone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias



O alimento predileto da família
Cada lata de 250 gr. só Esc. 8\$00

Adubos "SAPEC"

Superfosfatos

Sulfato de amónio

Adubos potássicos

Adubos mixtos para

todas as culturas



Os melhores adubos

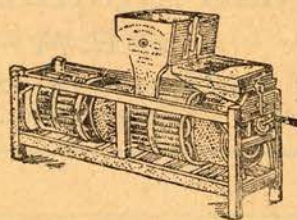
Nas melhores sacarias

"SAPEC"

Rua dos Fanqueiros, 121

— LISBOA —

Crivos "MAROT"



São estes os únicos que satisfazem plenamente os agricultores, seleccionando com impecável perfeição trigo, centeio, cevadas e aveia

Pedir mais detalhes ao representante exclusivo em Portugal,
CASA CAPELLA—Rua de S. Paulo, 109—LISBOA

"A MOAGEM"

SOCIEDADE MÚTUA

Seguros de acidentes no trabalho

Rua da Boa Vista, 176, 1.º

— LISBOA —

Obras de Pedro Muralha

Alemanha Perante a Europa...	(Esgotado)
Belgica Heroica ...	(»)
Terras d'Africa 2 vol...	40\$00
ortugal no Brazil 1 vol.	15\$000
A Prôa de Sagres 1 vol.	10\$00
Cartilha Colonial 1 vol.	5\$00
Album Alentejano, Tomo de Beja ...	20\$00
Tomo de Evora...	25\$00

Brevemente :

Album Alentejano, Tomo de Portalegre	30\$00
Artigas ...	10\$00

Pedidos á

R. da Rosa, 105, 1.º